

SOFONIAS

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de abril de 2024

INTRODUÇÃO

Introdução

O profeta Sofonias é provavelmente um judeu que profetizou em Jerusalém, durante o reinado de Josias (639-609 a.C.), podendo eventualmente ter continuado para além do cerco e posterior destruição de Jerusalém, em 597 e 586. A pormenorizada genealogia do início do livro poderia levar a pensar numa ascendência real do profeta, devido à menção de Ezequias. Talvez se trate, porém, de uma maneira de afastar a suspeita sobre uma origem estrangeira do profeta, dado que o nome do seu pai, Cuchi, que em hebraico significa «núbio» ou «etíope», poderia levar alguém a suspeitar de que teria ascendência estrangeira.

Autor e Data

O ministério profético de Sofonias acontece durante o reinado de Josias, quando Judá está sujeita à hegemonia que os assírios impõem sobre toda a região da Síria-Palestina. Estava-se depois dos tratados de Acáz com Tiglat-Piléser III, em 734 a.C., por causa da guerra siro-efraimita, e depois do longo reinado de Manassés (698-643 a.C.), que juntou corrupção religiosa e injustiça (2Rs 21,1-18). Sofonias poderá então ter sido um grande promotor da reforma política, social e religiosa que foi levada a cabo durante o reinado de Josias. Dado que no seu texto não aparece explicitamente mencionado o declínio da Assíria (612 a.C.), nem a reforma de Josias (622 a.C.), costuma datar-se o ministério de Sofonias no período de 639-630 a.C. Entretanto, não é forçoso pressupor que o texto profético tenha de representar um resumo completo da evolução dos acontecimentos naquela fase. Basta que nele se encontrem espelhados alguns dos momentos decisivos. A sobriedade da escrita profética cabe bem nestes moldes de intervenção, concentrando a atenção na mensagem propriamente dita.

Conteúdo

O início deste pequeno livro (1,1: «Palavra do Senhor») e o seu fim (3,20: «diz o Senhor») deixam bem claro, antes de mais, o seu carácter profético, apresentando todo o livro como «Palavra do Senhor» e justificam também a unidade literária que ele apresenta. Partindo do anúncio do dia do Senhor (cf. Is 2,6-22; Am 5,16-20; Jl 1,15; 4,14), com a particularidade de apresentar aquele dia como um acontecimento de alcance universal (1,14–2,3) para julgamento dos povos, o livro vai terminar com um anúncio de salvação a favor de Israel (3,9-20). Sofonias oferece, assim, um percurso que não vê na destruição um fim em si mesmo, mas um caminho para a salvação e para a restauração (3,18-20). Tudo isto se enquadra numa lógica de conversão (2,1-3).

Estrutura

Podemos individualizar três grandes secções neste livro: 1) O dia do Senhor em Judá (1,2 – 2,3): oráculos de destruição, seguidos pela apresentação do dia do Senhor, como julgamento extensivo a todos os povos, e ainda por um apelo à conversão. 2) Oráculos contra as nações e contra Jerusalém (2,4 – 3,8): a par de Jerusalém, de que trata o último oráculo, estes oráculos de ameaça visam os filisteus, Moab e Amon, a Etiópia e a Assíria. 3) Anúncio de salvação (3,9-20): este anúncio de salvação é igualmente universal, ficando assim em paralelo com a dimensão universal do dia do Senhor, anunciado na primeira secção.

Teologia

A mensagem profética e teológica de Sofonias concentra-se no binómio destruição-salvação, sublinhando que a destruição é um caminho para a restauração e, portanto, para a salvação. A própria estrutura literária do texto denota desde logo a sua teologia; a perspectiva vai do geral para o particular: trata primeiro da destruição dos povos e passa, depois, a referir o castigo de Judá (1,2-4). Do mesmo modo, apresenta a conversão dos povos, passando em seguida à restauração de Jerusalém (3,9-18). Assim, o foco no particular, Judá e Jerusalém, funciona como centro e chave de interpretação para a profecia de Sofonias.

O grande tema da profecia de Sofonias está concentrado na metáfora profética do dia do Senhor, que representa o encerrar dos quadros de injustiça e de destruição. Outros profetas, como Amós, Naum e Joel, falaram deste tema. No entanto, a formulação que lhe deu Sofonias foi a que mais se destacou, de tal maneira que a sua profecia ficou como um texto precursor para os futuros escritos apocalípticos. A dimensão catastrófica deste dia afeta tanto o mundo como Judá e Jerusalém. Mas não se trata de uma visão pessimista sobre o fim do mundo, pois trata-se, sobretudo, de um processo de transformação.

Em linha com a profecia clássica, Sofonias não se fica pelo anúncio do castigo para a injustiça e para o pecado. A sua mensagem é sobretudo de salvação, fazendo constantes apelos à justiça, à pobreza e à humildade, que tornam possível o encontro com Deus (2,3; 3,12-13). Este é, afinal, o grande motivo do convite à alegria, dirigido ao povo caracterizado como «filha de Sião», em 3,14-17. É que o Senhor, o Salvador, está no meio dela. Na verdade, trata-se do investimento esperançoso num pequeno grupo humilde de fiéis, que Sofonias designa como o que resta de Israel; este resto poderá contemplar Jerusalém como uma cidade em festa.

Em contexto cristão, há que notar que o famoso hino *Dies irae*, da liturgia dos defuntos, se inspira principalmente na descrição do dia do Senhor que este profeta faz (1,14-18). A sensibilidade medieval que motivou esta adaptação representa um olhar individual sobre o fim da vida, com os medos e apreensões que pode suscitar. Ao contrário, porém, o espírito do texto profético de Sofonias é, por um lado, de sentido mais comunitário e, por outro, assenta principalmente em razões de esperança.

1 Título

¹Palavra do SENHOR, que foi dirigida a Sofonias, filho de Cuchi, filho de Godolias, filho de Amarias, filho de Ezequias, nos dias de Josias, filho de Amon, rei de Judá^a.

I. O DIA DO SENHOR EM JUDÁ

Destruição e castigo

- ² Eu vou destruir, sim destruir tudo
sobre a face da terra – oráculo do SENHOR^b.
- ³ Destruirei homens e animais,
destruirei aves dos céus e peixes do mar,
coisas que fazem tropeçar os malfeitores^c.
Exterminarei o homem da face da terra
– oráculo do SENHOR^d.
- ⁴ Estenderei a minha mão sobre Judá^e
e sobre todos os habitantes de Jerusalém.
E exterminarei deste lugar o resto de Baal,
o nome dos oficiantes pagãos
junto com o dos sacerdotes^f
- ⁵ e os que se prostram nos terraços das casas
em honra do exército dos céus^g,

^a Esta breve genealogia refere dois nomes sonantes na Bíblia. Se o de Ezequias fosse o famoso rei do tempo de Isafas seria um antepassado importante, situado um século antes. Mas não há outros indícios que o assegurem. A referência *nos dias de Josias* remete a atividade do profeta para os anos 639-609 a.C., tempo em que reinou Josias sobre o reino do Sul em Jerusalém, numa altura em que o reino do Norte já tinha desaparecido, depois da conquista dos assírios em 721 a.C.

^b A destruição total faz parte da manifestação de Deus, do Dia do Senhor. As referências a face da terra, homens, animais, aves do céu e peixes do mar remetem para o livro do Génesis, sobretudo para os temas da criação (Gn 1,1-2,4a) e do dilúvio (Gn 6,7; 7,23).

^c Ou: *fazendo tropeçar os malfeitores*. Esta parte da frase não consta na tradução dos LXX.

^d O livro começa de maneira radical com um oráculo de destruição universal, sem referir previamente as motivações ou os endereçados. De qualquer modo, a forma drástica deste discurso corresponde às tonalidades que o tema do Dia de Javé traz a este livro.

^e O castigo dirigido a Judá deve-se a práticas idolátricas e abandono do culto do Senhor.

^f A presença e atuação de *oficiantes pagãos (kemarim)* no templo era motivo de profanação em nome da religiosidade pagã do deus Baal. A referência aos *sacerdotes* levitas (*kobanim*) é por vezes considerada como um acrescento posterior. Seja original ou seja um acrescento ao texto, esta referência significa que os cultos pagãos eventualmente infiltrados no templo comprometeram igualmente os sacerdotes hebreus. Por isso são arrastados no castigo.

^g O telhado das casas no antigo Oriente era um terraço, onde frequentemente se arranjava um pequeno espaço que, entre outras coisas, podia servir para atos de devoção. Aqui refere-se o culto dos astros, muito característico da Mesopotâmia, mas ao qual todos os semitas eram sensíveis (Cf. Dt 4,19; 2Rs 23,13). Este *exército dos céus* exprime uma maneira de ver os astros como um sistema bem organizado de forças e poderes. É esta provavelmente a origem de um dos títulos mais famosos de Javé como Senhor dos Exércitos.

e os que se prostram a fazer juramentos pelo SENHOR,
 e os que fazem juramentos por Milcom^a,
⁶ e os que deixam de seguir o SENHOR
 e que não procuraram o SENHOR
 e não o consultaram.

O dia do Senhor

⁷ Haja silêncio diante de DEUS, o Senhor!
 Pois está próximo o dia do SENHOR^b;
 pois o SENHOR preparou um sacrifício,
 fez purificar^c os seus convidados.
⁸ E acontecerá que, no dia do sacrifício do SENHOR,
 Eu pedirei contas aos governantes e aos filhos do rei
 e a todos os que vestem^d roupa de estrangeiros.
⁹ Então pedirei contas aos que saltam por cima do limiar^e,
 aos que enchem a casa dos seus senhores
 com violência e traição.
¹⁰ E naquele dia – oráculo do SENHOR,
 haverá um clamor de gritos, vindo da porta dos Peixes,
 um gemido vindo do Segundo Bairro,
 e um grande tumulto vindo das colinas.
¹¹ Gemei, habitantes do Morteiro^f,
 porque foi arruinada toda a gente de Canaã,
 foram exterminados todos os que pesavam prata.
¹² Acontecerá naquele tempo

^a O nome de Milcom aparece aqui por influência da tradução dos LXX. O texto massorético entende a expressão como significando *o seu rei*. O título de rei seria uma maneira de designar uma divindade entre os amonitas, povo vizinho dos hebreus, que habitava além do Jordão. Esta designação de rei (*melek*) teria passado a ser tomada como um nome próprio da divindade e, assim, ele aparece na Bíblia também como Molec ou Moloc. A proximidade geográfica, cultural e linguística entre ambas as populações levava facilmente a que resultassem casos de promiscuidade nos atos de culto. Estas práticas comuns podiam ter raízes anteriores à monarquia de David.

^b A relação entre o silêncio e o dia do Senhor é igualmente referida em Hab 2,20.

^c Lit.: *fez santificar...* Os sacrifícios eram acompanhados de uma festa coletiva onde se partilhava parte das carnes oferecidas. Este convívio tinha um carácter sagrado. Daí o sentido da purificação.

^d Vestir-se à maneira dos estrangeiros significava que em domínios mais importantes se podia aceitar comportamentos contrários aos ideais religiosos de Israel (Cf. 2Mc 4,13-14).

^e Esta expressão pode ser entendida como referência a alguma prática supersticiosa como a mencionada em 1Sm 5,5 ou a outro tipo de transgressão relacionada com cultos não aceites.

^f Nos vv. 10-11 são mencionados vários lugares de Jerusalém: *a porta dos Peixes*, que é provavelmente a porta do Meio (Ne 3,3), o *Segundo Bairro* que alguns traduzem como Cidade Nova, situado a norte (2Rs 22,14); o *Morteiro* é provavelmente um bairro na zona baixa de Jerusalém usado pelos mercadores. A este podem referir-se as expressões: *gente de Canaã* e *os que pesavam prata* (v. 11). O designativo de cananeu, dado aos ocupantes da terra antes dos hebreus, ficou sempre conotado com certas atividades comerciais que caracterizavam a economia da região.

que Eu procurarei por Jerusalém com lanternas
e pedirei contas aos homens
entorpecidos sobre as suas borras de vinho^g,
aos que dizem em seu coração:
“O SENHOR não faz bem nem faz mal”^h.

¹³Então a sua riqueza converter-se-á em despojos
e as suas casas, em devastação.
Construirão casas, mas não as habitarão;
plantarão vinhas, mas não beberão o seu vinho.

¹⁴Está próximo o grande dia do SENHORⁱ,
está próximo, está a chegar muito depressa.
O clamor do dia do SENHOR é amargo;
até um guerreiro então há de gritar.

¹⁵Aquele dia será um dia de ira,
um dia de angústia e aflição,
um dia de desastre e devastação,
um dia de trevas e escuridão.

¹⁶Será um dia de trombeta e de alarido
contra as cidades fortificadas
e contra as altas torres de ângulo.

¹⁷Afligirei os homens
e eles caminharão como cegos,
porque pecaram contra o SENHOR;
o seu sangue será derramado como pó
e as suas entranhas como estrume.

¹⁸Nem mesmo a sua prata nem o seu ouro
os poderão livrar no dia da ira do SENHOR;
e no fogo do seu zelo^j toda a terra será devorada,
pois Ele provocará a destruição terrível
para todos os habitantes da terra.

^g O termo *borras* é usado para designar os restos do vinho. A expressão hebraica traduzida por *entorpecidos* aponta para significados como “enrijecidos” ou “parados”, por causa do vinho.

^h Esta afirmação colidia com algumas das convicções mais profundas de Israel, porque negava o facto e o significado das intervenções de Deus, que tanto podia tratar bem como mal, segundo as circunstâncias.

ⁱ O Dia do Senhor é explicado através de cinco situações de angústia e catástrofe (vv. 15-16), que ficaram como uma fórmula literária perenemente expressiva, acabando por se transformar no mote do famoso texto cristão medieval, o *Dies irae*.

^j Lit.: *...do seu ciúme* (Cf. Ex 34,14; Na 1,2).

- 2** ¹Amontoai-vos, empilhai-vos^a,
ó povo tão pouco apreciado^b,
² antes que surja o decreto^c
e que o dia passe como a moinha;
antes que venha sobre vós
a cólera ardente do SENHOR;
antes que venha sobre vós
o dia da ira do SENHOR.
- ³ Procurai o SENHOR, todos os humildes da terra^d,
os que põem em prática as suas sentenças^e.
Procurai a justiça, procurai a humildade:
talvez assim fiqueis resguardados
no dia da ira do SENHOR.

II. ORÁCULOS CONTRA OS POVOS E JERUSALÉM

Oráculo contra os filisteus

- ⁴ Então Gaza ficará abandonada
e Ascalon, entregue à desolação^f;
Asdod será expulsa a meio do dia
e Ecron, arrancada pela raiz.
- ⁵ Ai dos habitantes da costa marítima,
o povo dos cretenses^g!

^a Estes verbos, raros em hebraico, parecem ser um jogo de palavras com o termo que significa “palha”. Esta dura conclusão de discurso (vv. 1-3) toma, apesar de tudo, a forma de uma exortação e traz esperança no meio de um cenário terrível. Na realidade, tudo depende da vontade de procurar o Senhor.

^b Ou: *sem vergonha...* ou: *sem educação*, no seguimento da tradução dos LXX. No entanto, o termo hebraico aqui usado tem, segundo os usos bíblicos, parece ter a ver com a ideia de desejar e apreciar e está associado com o termo que significa prata (*keseף*).

^c Ou: *antes que sejam expulsos*. A primeira leitura corresponde ao hebraico massorético, o qual deixa dúvidas na maneira como o texto se apresenta.

^d Os humildes, segundo Sofonias, opõem-se aos que se julgam fortes como os governantes (1,8-9), os ricos (1,10-11), os que prescindem de Deus (1,12). A terra a que se refere pode ser simplesmente Israel. Para além da condição económica e social, está em causa uma interpretação ética e religiosa. Humilde é quem pratica a justiça e mostra disponibilidade interior para procurar o Senhor.

^e Tal como em Mq 6,8, procurar o Senhor significa praticar a justiça.

^f As cidades de Gaza, Ascalon, Asdod e Ecron fazem parte da chamada Pentápole filisteia. Faltaria apenas Gat, o que pode ser indicio de que se encontraria incluída no território de Judá, no tempo de Sofonias. Os nomes destas cidades são de raiz cananaica e, por conseguinte, anteriores à chegada e instalação dos povos do mar. Estes oráculos contra nações estrangeiras são um tema clássico entre os profetas (Is 13-23; Jr 46-51; Ez 25-32; Am 1-2,3; Abd; Na; Hab 2,5-20. Nestas acusações Sofonias volta-se para as nações vizinhas em torno a Isarel.

^g A tradição bíblica via em Creta a origem dos filisteus que ocupavam a região costeira do Sul da Palestina. Esta maneira de ver tinha alguma verdade, pois as origens dos filisteus estão nas margens do mar Mediterrâneo, de algum modo em ligação com o mundo grego primitivo, seja do continente seja das ilhas. Por isso fazem parte do movimento histórico designado como povos do mar.

A palavra do SENHOR é contra vós,
Canaã^h, terra de filisteus:

“Exterminar-te-ei até que não haja habitantes!

- ⁶ A costa marítima será de pastagens,
campos de pastores e redil de rebanhos.
⁷ Mas a costa pertencerá ao resto da casa de Judá.
Sobre eles irão apascentar o gado;
nas casas de Ascalon descansarão à tardinha,
porque o SENHOR, seu Deus, se ocupará deles
e fará reverter o seu cativoiroⁱ.

Oráculo contra Moab e Amon

- ⁸ Eu ouvi os escárnios de Moab^j
e as injúrias dos filhos de Amon,
que escarneceram do meu povo
e se engrandeceram à custa do seu território.
⁹ Por isso, juro pela minha vida,
– oráculo do SENHOR do universo, Deus de Israel,
que Moab ficará como Sodoma
e os filhos de Amon, como Gomorra,
um terreno de cardos, uma cova de sal,
uma terra desolada para sempre.
O resto do meu povo os saqueará
e os que sobram da minha gente os herdarão.
¹⁰ Isto é o que lhes toca em paga da sua altivez,
porque escarneceram e foram arrogantes
contra o povo do SENHOR do universo.
¹¹ O SENHOR será terrível contra eles,
quando submeter todos os deuses da terra;
e todas as ilhas dos povos^k se prostrarão diante dele,
cada uma desde o seu lugar.

^h Canaã e os filisteus aparecem aqui associados não porque se identifiquem um com outro, mas porque ambos são estranhos aos hebreus. Este ponto em comum pode também coincidir com as atividades comerciais que eram largamente praticadas por ambos.

ⁱ Ou: *o seu destino*.

^j Moab e Amon são comparados a Sodoma e Gomorra, cidades conotadas com a perversão sexual e, por isso, destruídas (Gn 19,30-38). Orgulho e arrogância são frequentemente sublinhadas como caracterização de Moab (Is 16,6; Jr 48,29), o que até poderia parecer estranho, porque na história não transparecem motivos que imponham essa correspondência.

^k As ilhas representavam os lugares mais distantes que os hebreus conseguiam imaginar (Cf. Gn 10,5; Is 11,11; 41,5).

Oráculo contra a Etiópia e a Assíria

¹²Também sobre vós, Etíopes^a, se diz^b:
“Estes são os trespassados pela minha espada”^c.

¹³Mas Ele estenderá a sua mão contra o norte^d,
exterminará Assur,
fará de Nínive uma terra desolada,
árida como o deserto.

¹⁴No meio dela se deitarão os rebanhos,
todos os animais das nações^e;
até o pelicano e a coruja
pernoitarão nos seus capitéis.
O barulho ressoa das janelas
e o corvo, do umbral^f,
porque se desfez o madeiramento^g de cedro.

¹⁵Esta é a cidade jubilosa
que estava segura,
que dizia no seu coração:
“Eu, e fora de mim mais ninguém!”
Como se tornou uma terra desolada,
um lugar de refúgio para animais?
Todo aquele que por ela passa
assobiará, abanando com a mão^h.

3 Oráculo contra Jerusalém

¹Ai da cidade rebelde,
contaminada e opressora!ⁱ

^a Ou: *cuchitas*. Cuche era a designação usada na Bíblia para representar a zona do nordeste africano que engloba na antiguidade a Etópia, a Núbia e o Egito. Com o tempo, passou a usar-se nas traduções sobretudo o nome de Etiópia. Aliás pouco tempo antes de Sofonias, todo o Egito tinha sido governado por faraós cuchitas (715-663 a.C., XXV dinastia), que tinham a sua capital em Napata, bem fundo na antiga Núbia, o atual Sudão.

^b Esta expressão decorre de a frase que vem citada a seguir parecer vir de um dito conhecido na época.

^c Este dito poderia ser uma alusão a alguma vitória dos assírios contra o Egito. O oráculo que se segue contra a Assíria seria uma espécie de resposta àquela declaração.

^d A Assíria e a sua capital, Nínive, representam uma grande ameaça no tempo de Josias, mesmo que a própria Assíria estivesse ela própria a ser também ameaçada pela Babilónia que em 612 a viria a conquistar.

^e Ou... *animais de toda a espécie*. A tradução dos LXX leu “animais da terra”, pressupondo-se que essa leitura corresponda a um texto hebraico algo diferente.

^f Ou: *está destruído o umbral*.

^g Nas construções, a madeira era usada não somente para os telhados, mas também para entremear com pedras e outros materiais na construção dos muros.

^h Assobiar e abanar com a mão são gestos que sugerem uma variedade de sentimentos e emoções possíveis, normalmente de sinal negativo.

ⁱ Os adjetivos usados na descrição de Jerusalém estão em contraste com a descrição de Nínive (2,15), que dá a impressão de ser algo irónica. O oráculo dos vv. 1-8 pode comparar-se com o texto de Is 1,21-26.

- ² Não escutou nenhuma voz
nem aceitou correção;
não confiou no SENHOR,
nem se mostrou próxima do seu Deus.
- ³ Os seus governantes, no meio dela,
são leões que rugem;
os seus juízes são lobos da tarde^j
que não roeram osso pela manhã.
- ⁴ Os seus profetas são fanfarrões,
gente enganadora;
os seus sacerdotes profanaram o que é santo,
violentaram a instrução.
- ⁵ No meio da cidade, o SENHOR é justo,
não pratica injustiça.
Cada manhã Ele dá a sua sentença
como a luz que não falha;
mas quem vive da injustiça
não conhece a vergonha.
- ⁶ Exterminei os povos:
ficaram desoladas as suas esquinas,
tornei desertas as suas ruas,
sem que ninguém ali passe;
foram devastadas as suas cidades,
ficaram sem ninguém, sem habitantes.
- ⁷ Eu dizia: “Talvez assim olhes para mim
e aceites correção”.
E que assim se afaste da sua morada^k
tudo aquilo que determinei contra ela.
Mas eles apressaram-se
a perverter todas as suas ações.
- ⁸ Por isso, esperai por mim – oráculo do SENHOR –
no dia em que me levantar como testemunha.
Pois a minha decisão é reunir os povos,
congregar os reinos,
para derramar sobre eles a minha indignação,
todo o ardor da minha ira,
pois toda a terra será devorada
pelo fogo do meu ciúme.

^j A tradução dos LXX leu: *lobos da estepe*. E o texto consonântico hebraico pode permitir esta leitura.

^k Ou: *...dos seus albos*, segundo a leitura dos LXX e da NVg.

III. ANÚNCIO DE SALVAÇÃO

Conversão dos povos e resto de Israel

⁹ Então converterei os lábios dos povos em lábios puros^a, para que todos invoquem o nome do SENHOR, para que o sirvam carregando o mesmo jugo^b.

¹⁰ Do outro lado dos rios da Etiópia, os meus adoradores, por mim dispersos^c, hão de trazer a minha oferta.

¹¹ Nesse dia, não terás de te envergonhar^d de todas as tuas más ações com que transgrediste contra mim, porque então vou tirar do meio de ti os que exaltam o teu orgulho, e nunca mais voltarás a vangloriar-te no meu santo monte.

¹² Pois deixarei^e no meio de ti um povo humilde e pobre; e eles procuram refúgio no nome do SENHOR.

¹³ São um resto de Israel; não praticam injustiça, não dizem mentiras, nem se encontra na sua boca língua de engano. Sim, eles poderão pastar e descansar, sem haver quem os atemorize.

Cântico de Sião

¹⁴ Canta de alegria, filha de Sião. Soltai gritos de júbilo, Israel^f.

^a Os lábios dos outros povos são impuros porque invocam deuses impuros. Este anúncio de salvação universal contrasta com a ameaça que precede; ela implica a conversão de todos os povos e a purificação de Jerusalém. Ao centro está o nome do Senhor, que é invocado por todos os povos.

^b Lit.: *como um único ombro*.

^c Lit.: *gente filha da minha dispersão*. Este inciso falta em traduções antigas, o que leva alguns a pensar que poderia ter sido um acrescento para tornar a mesma promessa válida para os exilados hebreus.

^d A ação de Deus sobre Jerusalém é de mudança: quem permanece na cidade será um *povo humilde e pobre* (3,13), cujas necessidades só o Senhor pode satisfazer, em contraste com os orgulhosos (3,11).

^e O verbo hebraico para dizer *deixarei* é já uma antecipação implícita para o conceito de *resto de Israel* que aparece explícito no v. 13. Sobre o tema do “resto”, cf. Is 1,9; 4,3; Am 5,15; etc.

^f A alegria já não representa Nínive (2,15), mas a cidade de Jerusalém, agora purificada dos orgulhosos que a fizeram cair (3,11). Cf. Os 2; Is 49; 54; 62.

Alegra-te e exulta de todo o coração,
filha de Jerusalém.

¹⁵ O SENHOR retirou o juízo contra ti,
fez com que os teus inimigos fossem embora.
O Rei de Israel, o SENHOR,
está no meio de ti:
jamais temerás algum mal.

¹⁶ Nesse dia, há de dizer-se a Jerusalém:
“Não temas, Sião;
não desfaleçam os teus braços!”

¹⁷ O SENHOR, teu Deus, está no meio de ti
como um herói que salva.
Por ti exultará de alegria
com o seu amor que renova^g
e por ti regozijará em cantos de júbilo.

¹⁸ Como num dia de festa^h,
Eu reuni os que estavam distantes de ti,
para quem a ignomínia era um fardo pesado.

¹⁹ Eis que, nesse tempo, vou intervir
contra todos aqueles que te humilham.
Salvarei aquela que está coxa
e recolherei a que andava perdidaⁱ.
Eu farei deles motivo de louvor e de renome
por toda a terra onde sofreram vergonha.

²⁰ Nesse tempo, far-vos-ei regressar^j
e em devido tempo vos reunirei,
pois vos hei de transformar em renome e louvor
entre todos os povos da terra,
quando, aos vossos olhos,
fizer regressar os vossos exilados^k – diz o SENHOR.

^g Pressupondo a leitura de um “dalet” em vez de um “resh”, esta leitura que consta já na tradução dos LXX parece ser a que mais se enquadra no contexto e é a mais seguida. Outra tradução: *fica comovido no seu amor* (Neo-Vulgata).

^h A leitura: *como num dia de festa* acolhe a antiga interpretação dos LXX seguida também pela Neo-Vulgata para um texto hebraico que parece estar mal conservado. Daí as dificuldades de tradução que se espelham já nas traduções antigas. O conjunto dos vv. 18-20 é, por vezes, considerado um acrescento posterior ao profeta, com intenção de colocar o foco no regresso dos exilados.

ⁱ A metáfora que serve de base para esta declaração é a de que Deus se relaciona com o seu povo com todas as preocupações e cuidados que um pastor tem com cada uma das suas ovelhas. Por isso as referências estão no feminino do singular. (Cf. Sl 23; Jr 23,6; Ez 34,2).

^j Lit.: *far-vos-ei entrar*.

^k Ou: *quando, aos vossos olhos, Eu fizer reverter o vosso exílio*. A condição de exilados é uma das poucas situações que receberam a terminação de um conceito abstrato (*šebut*) no hebraico bíblico. Posteriormente a diáspora virá a exprimir-se com o mesmo género de termo abstrato (*galut*).

PARALELOS

1,4: 2Rs 23,4-7.12s | **1,7:** Hab 2,20; Zc 2,17; Ap 8,1 | **1,14:** Nm 10,35; Is 42,13 | **1,15:** Jl 2,1-3 | **1,18:** Ez 7,19.

2,4: Js 13,2; Is 14,28-32; Jr 47; Ez 25,15-17; Am 1,6-8 | **2,8:** Nm 22,36; Dt 2,19; Is 15-16; Jr 48,1-49,6; Ez 25, 1-11 |
2,12: Is 18,20; Jr 46; Ez 29-32 | **2,15:** Is 47,8.10.

3,2: Am 4,6s | **3,3:** Ez 22,25s | **3,9:** Ml 1,11 | **3,10:** Is 18,7 | **3,13:** Is 53,9; Ap 14,5 | **3,14:** Is 12,6; 54,1; Zc 2,14 |
3,15: Is 40,2 | **3,17:** Is 62,5; Jr 32,41 | **3,20:** Mq 4,6.